

A EDUCAÇÃO DA FORMA – VIAGEM

Mestranda Laís Rocha de Lima¹

Resumo:

Escritor consagrado na literatura brasileira, Graciliano Ramos compôs sua obra tendo como essência a rara característica de impulsionar a narrativa por suas análises da sociedade, aliando a isso o momento histórico pelo qual se passava no momento da produção literária. Sua última obra, Viagem, publicada após o seu falecimento em 1953, revela os fascínios da experiência em conhecer a nova realidade de sistema organizacional implantado na União Soviética e a descoberta das distorções da propaganda anticomunista realizadas pelos ocidentais capitalistas, que compreendiam o socialismo como ameaça ao regime cá imposto. Neste trabalho, espera-se traçar impressões, convergindo livro e biografia, sobre a importância do caráter de relato da obra de teor marxista que, sem recorrer ao panfletarismo político, fornece-nos um panorama da URSS por um olhar apurado, bem como da influência dessa ideologia na escrita do autor. Compreendendo o termo que define Graça como ‘autor-ator’, considera-se o diário Viagem a conclusão do desenvolvimento do marxismo em seu estilo. Adepto da corrente comunista no Brasil, atacada ferozmente ainda durante o Estado Novo - período de sua prisão e consequente adesão ao partido -, ele se declarou avesso à literatura panfletária, cuja versão soviética mostrava-se através do simplório realismo socialista. Essa atitude suscitava dúvidas sobre seu real envolvimento com o socialismo, pois tanto os eufóricos pelo partido no Brasil quanto os camaradas que guiavam seu percurso na excursão pela União Soviética temiam a visão sóbria de Graciliano. Esse discernimento entre literatura e política, que permite unir ideologia ao estilo, é o que lhe garantiu tamanhos destaque e respeito na literatura mundial.

Palavras—chave: Graciliano Ramos, Viagem, estilo, marxismo.

¹ Laís Rocha de LIMA, mestranda

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL)

llais@live.com

1. Introdução

No desenvolvimento de seu estilo literário agregado a sua ideologia marxista latente, Graciliano Ramos produziu seu último livro em forma de diário de viagem. Utilizou suas memórias, apreendidas em notas durante a visita a União Soviética para falar de suas vivências e observações do que tinha encontrado na realidade do socialismo. Mantendo-se firme quanto a sua postura crítica como visitante e escritor, seu diário se distingue de uma simples escrita diante da motivação de propagar e perpetuar suas impressões naquele lugar e momento histórico. Ele possibilitou a seus leitores um material que tratava da URSS, mas que fugia ao modelo da literatura russa, determinado a realizar propaganda política, e do anticomunismo pregado com vigor no ocidente – idealizou uma análise livre de posicionamento político.

Para a compreensão de *Viagem*, última obra de Graciliano, é imprescindível recorrer às conjunturas políticas, históricas e ideológicas. Na biografia de Dênis de Moraes (2007), conseguimos compreender o ingresso do autor no Partido Comunista Brasileiro (PCB), fato ocasionado após sua prisão: acusaram-no de já pertencer ao partido e conspirar contra o Estado Novo. A partir de sua experiência na cadeia, surgiu *Memórias do Cárcere*, publicada em 1953, segunda obra memorialística do autor.

Após a derrota do Estado Novo em 1945, Graciliano passou a integrar as reuniões políticas do partido junto a outros intelectuais que acreditavam na implantação do comunismo no Brasil. Foi por seus anos de participação ativa no PCB, por ser considerado uma das figuras ilustres e por seu enraizamento na ideologia marxista que em 1952 recebeu o convite para compor o grupo de brasileiros que viajaria a Moscou para as festividades do 1º de maio. Apesar de sua recusa inicial – “Faltavam-me recursos para realizá-la; a experiência me afirmava que não me deixariam sair do Brasil; e, para falar com franqueza, não me sentia disposto a mexer-me, abandonar a toca onde vivo.” (RAMOS, 2007 [1954], p. 7) -, com a insistência de colegas de partido, da família e de amigos, Graciliano e sua esposa, Heloísa Ramos, partiram para a excursão pela União Soviética com duração de dois meses.

Antes da viagem, o autor recebeu uma visita de colegas partidários; eles lhe sugeriram aproveitar a viagem para escrever utilizando a “bula stalinista” (MORAES,

2007, p. 209), recomendação rejeitada antes e depois de pronta a obra *Viagem* – “Se eu tiver que submeter meus livros à censura, prefiro deixar de escrever” (MORAES, 1996, p. 276). Tal decisão é reafirmada no próprio livro, ainda no primeiro capítulo: “Ninguém me encomendou a tarefa. Os homens com quem me entendi apenas revelaram o desejo de que minhas observações ali fossem narradas honestamente, em conversas. Infelizmente não sei conversar (...)” (RAMOS, 2007 [1954], p. 9), esclarece o autor sobre os episódios em torno da produção de seu livro.

Avesso à literatura de agitação e propaganda política, Graça, que possuía muitos admiradores tanto por sua literatura quanto por suas convicções, surpreendia os companheiros mais fanáticos pela doutrina socialista, pois esses esperavam dele o mesmo vigor revolucionário que possuíam. Fazer de sua literatura arma política estava fora de questão – “Graciliano soube preservar até o fim a solidariedade com os oprimidos e o compromisso com a **justiça social**” [grifo meu].

Poucos estudos têm privilegiado a última obra de Graciliano Ramos: essa representa a conclusão da transformação do indivíduo “pela *atitude conceptualizante* do marxista ‘ilustrado’, sem os esquemas fáceis do panfletarismo e do engajamento” (FALLEIROS, 2002, p. 246). De São Bernardo, onde a principal personagem pertencia à burguesia, até seu último trabalho, onde há a concretização da concepção socialista, houve o desenvolvimento gradativo do autor e da realidade vivenciada historicamente pelo Brasil.

Na tentativa de tratar de forma coerente dessa progressão, buscou-se auxílio de materiais histórico/ biográfico e estudos sobre o estilo desenvolvido pelo autor, característica forte de seu perfil.

2. Resultados

Conforme se observa no título deste trabalho, a afirmação de Bosi muito diz da construção do estilo de Graciliano Ramos: “da ideologia ao estilo e do estilo à ideologia” reafirma o conceito de autor-ator (PINTO *apud* FALLEIROS, 2002, p. 246)

– o indivíduo que se indaga sobre as condições das classes sociais, permite a autotransformação ao absorver, cada vez mais, a ideologia disseminada por Marx.

Contrário às formas ditatoriais, por suas experiências e ideias construídas a partir dessas, não é surpresa que Graciliano também fosse desfavorável a formas estáveis de literatura. Apesar de se manter a distância, é inegável o diálogo entre Graça e os movimentos populares da época: o Modernismo de 22 e a geração de 30 possuem traços em comum com o escritor; o de maior evidencia é o combate à fossilização de modelos na literatura

Em outras palavras, a expressão literária que se lança à transformação do mundo deve necessariamente começar pela superação dos meios de expressão estabilizados. Desse modo, fundem-se engajamento político ou social e consciência estética e metalingüística

(BULHÕES *apud* PINTO, 2001, p. 50)

Levando em conta as considerações de Adorno (1973) sobre a literatura de testemunho, observamos em *Viagem a escrita* que possui justificativa: ela não foi pensada para se tornar obra de arte.

[A literatura] é tratada como instituição que deve ser combatida como a sociedade da qual é parte. (...) Ela é necessária [à vida] porque tem a natureza do testemunho. Entretanto não se realiza plenamente, ainda que os romances do autor estejam entre os mais bem realizados da língua portuguesa. (...) embora produza uma literatura voltada para os oprimidos, ele sabe que, dada a sofisticação estética da obra, ela está reforçando a instituição literária (...).

(BASTOS *apud* PINTO, 2001, p. 51)

Da racionalidade de seus primeiros romances a anarquia de seu diário de viagem, a prosa enxuta permanece como marca do escritor conhecido por seu perfil crítico.

3. Discussão

Antes mesmo da partida para a União Soviética, Graciliano Ramos deixou claro que a sua literatura, que priorizava a revelação da realidade, não estava sob negociação: não havia acordo quanto a realização de propaganda política.

Tinha visto “o grande país com bons olhos”, mas não se propunha a cantar loas ao governo soviético (...). Sintam o drama: no berço do realismo socialista, um escritor comunista, hóspede do regime, não só incomodava com perguntas, como cogitava de elaborar uma obra sem compromissos com a exaltação ao Estado soviético.

(MORAES, 1996, p. 288)

Para os soviéticos, o conceito de literatura proletária/ panfletária já estava enraizado o suficiente, a ponto de empalidecer em meio às transformações na estrutura da sociedade.

Tomar posição é para o escritor russo uma questão vital. (...) [Compare-se à] produção de um autor para com a ideologia de seu mecenas aristocrático. (...)

Os meios organizatórios e produtivos da criação artística ainda se encontram na mão da burguesia, os direitos do proletariado, também no campo da arte e da literatura, por enquanto só podem ser representados na forma da ditadura.

(BENJAMIN, 1986, p. 97)

A formação da esperada cultura proletária se resumiu à mudança de título, pelo menos no que concerne à literatura: Graça a condenava abertamente, apontando a falha do sistema de organização socialista quanto à avaliação das artes: “Esse troço não é literatura. A gente vai lendo aos trancos e barrancos as coisas que vem de Moscou”; conforme registrou Moraes (2007, p. 211) ‘Aos amigos, ele repetia a avaliação sobre Andrei Jdanov, o mentor da política cultural soviética: “É um cavalo!”’. Investimento

havia, mas às artes que se dedicassem à propaganda do novo sistema. Tratava-se, portanto, de uma literatura nascida de um sistema ditatorial.

A preocupação de Graciliano com o seu estilo, intacto até a última produção literária - aspecto renegado pelos escritores da URSS, que tornaram a literatura “um objeto mais apropriado para os profissionais em estatística do que para os especialistas em estética” (BENJAMIN, 1986) -, segue a definição dada por Wilson Martins (In Brayner, 1978):

Não é apenas a forma de arrumar as frases numa página; é muito mais do que isso, porque inclui uma espécie de concepção do romance (...). A personalidade do escritor de ficção não se mede pelo seu poder imaginativo, mas pelo aproveitamento que faz da imaginação.

Aqui entra a questão trabalhada por Walter Benjamin (1986, p. 98): o que forma a nova literatura nas condições vividas naquele momento histórico? O teórico afirma que o debate foi levado por dois anos e se delimitou a “se o mérito de uma literatura nova se define em termos de uma forma revolucionária ou de um conteúdo revolucionário”. Do primeiro ponto, atesta-se que as “formas de esquerda” consistiam na inspiração recebida “das últimas palavras-de-ordem ocidentais”; o segundo estava comprometido com a revolução socialista – “o debate foi decidido única e exclusivamente a favor do conteúdo revolucionário”, embora o teor de sua literatura só cantassem “loas ao governo”.

Considerados pessimistas, Graciliano e Cândido Portinari expressam a realidade de modo que essa se confunde com a arte:

Você fixa na tela a nossa pobre gente da roça. Não há trabalho mais digno, penso eu. Dizem que somos pessimistas e exibimos deformações; contudo as deformações e a miséria existem fora da arte e são cultivadas pelos que nos censuram.

(RAMOS *apud* MORAES, 2007, p. 210)

Para compreender o que é dito por Graça é preciso saber ler as entrelinhas, pois na “redução do estilo ao máximo de silêncio possível, percebemos que a linguagem

recobre o real de sentidos prescindíveis” (COSTA PINTO, 2001, p. 49). Considerando o real, seja positivo ou negativo ao personagem, como substância principal de sua narrativa, é inaceitável ao conceito de exaltação ao homem Stalin: admitisse a significação de seu papel naquele sistema.

Para certas pessoas da direção do partido, Stalin era o maior jurista do mundo, o maior general do mundo, um Deus, um Buda. Nós nos chocamos com a profundidade do culto à personalidade (...).

(MORAES, 1996, p. 287 e 288)

Não admitimos nenhum culto a pessoas vivas, perfeitamente: a carne é falível, corruptível, inadequada à fabricação de estátuas. Mas não se trata de nenhum culto, suponho: esse tremendo condutor de povos não está imóvel.

(RAMOS, 2007 [1954], p. 55)

Este momento declarado de simpatia por Stalin não parte propriamente dele, Graciliano Ramos: ele justifica que o líder é adorado pela massa por ser convicto de sua ideologia e pelo trabalho realizado, logo, existem razões justas para que se admire o homem.

Os estrangeiros que aqui chegam voltam infeccionados; não resistimos aos venenos sutis esparsos no ar e nas conversas; as sólidas vantagens da liberdade evaporam-se diante desta singular escravidão. (...) acabamos doentes, julgaremos razoável uma sociedade isenta de mendigos e prostitutas. O vírus do socialismo.

(RAMOS, 2007 [1954], p. 110 e 111)

Equilibrar a dignidade intelectual, para que essa sempre prevaleça sobre os imperativos ideológicos; não há maneiras de analisar separadamente o estilo dos princípios do autor, pois há intensa convergência entre suas produções literárias e sua biografia. Não há como negar a singularidade do estilo de Graciliano Ramos.

Conclusão

Por meio dos diversos estudos já publicados sobre o estilo construído por Graciliano, percebemos o amadurecimento da ideologia socialista a cada nova publicação do autor alagoano. Encontra-se também em sua prosa enxuta o quadro social do Brasil traduzido em uma estrutura estética.

A admiração e surpresa por se aproximar da implantação do socialismo são detectadas nos relatos dos choques culturais pelos quais o grupo de brasileiros passaram - como ao ultrapassar as pequenas barreiras para se aproximar do líder, que tinha a fama no ocidente de se resguardar por trás de uma cortina de ferro:

Ora, tanto quanto posso julgar, a defesa desse homem está confiada à multidão. A sua vida constitui um patrimônio valioso demais, e nem imaginam, creio eu, que alguém deseje atentar contra ela.
(...)

Um arco de metal, baixinho, proibiu-me claramente de ir além. Transpus sem dificuldade o obstáculo exíguo e, vendo a infração impune, venci mais dois, cheguei ao fim da plataforma. Nessa altura enxerguei Stalin a poucos metros (...). Pareceu-me gordo e curvo, mas provavelmente a curvatura se devia à marcha em degraus.

(RAMOS, 2007 [1954], p. 56 e 57)

Apesar de demonstrar sua afeição ao socialismo, ele sempre preservou o tom sem ufanismo. Graça não se absteve de observar e de realizar críticas diante de situações estranhas a ele – segundo Sinval Palmeira, que procurou esclarecer a um dos dirigentes do Partido Comunista da União Soviética a razão de tantos questionamentos feitos por Graciliano Ramos, o autor era o Tolstoi brasileiro: “Embora membro do PCB, nunca se deixou dominar”.

Envolviam-nos, desde a chegada, afirmações de paz, e algumas pessoas vacilavam, perguntavam se elas eram realmente sinceras. Podiam ser doses de morfina aplicáveis ao estrangeiro. (...) Nenhuma discordância percebiam, mas ainda estavam indecisas: os indivíduos que nos

cercavam, nos automóveis e no hotel Savoy, escamoteavam possivelmente a verdade (...).

(RAMOS, 2007 [1954], p. 61)

Concluir sua obra conforme suas pretensões, sem priorizar o engajamento político em detrimento da substância literária, e ainda firmar sua seriedade com o socialismo, consolidou-o como Graciliano Ramos, renomado escritor brasileiro. A força literária de Graça se traduz na composição bem sucedida de seu estilo, digno de muitos estudos no âmbito da crítica literária. Ele cumpriu à risca o seu ensinamento: “a arma do escritor é o lápis”.

Referências

1. ADORNO, Theodor. **Notas de literatura**. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2003.
2. BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix; Editora da USP, 1986, p. 97 – 100.
3. BOSI, Alfredo. **Céu, Inferno**. 2ª Edição. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2003.
4. BRAYNER, Sônia. **Graciliano Ramos**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978 (Fortuna Crítica, 2).
5. FALLEIROS, Marcos Falchero. **A figura da grade**. In: Teresa revista de literatura brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, nº 3 (2002), p. 237 - 251. São Paulo: Ed. 34, 2002.
6. MORAES, Dênis de. **O velho Graça**. 3ª ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
7. _____. Posfácio. In RAMOS, Graciliano. **Viagem**. 21ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2007.
8. PINTO, Manuel da C. **Os cárceres da linguagem**. In: Cult42 revista brasileira de literatura, nº 1, 2001, p. 44 – 51.

9. RAMOS, Graciliano. **Viagem**. 21^a ed., Rio de Janeiro: Record, 2007.